



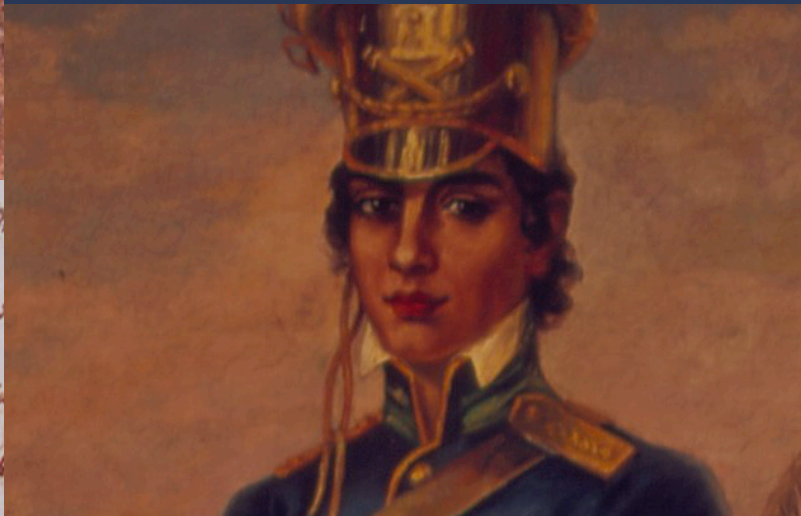
Handwritten text in German, likely a letter or document, featuring cursive script.



As Mulheres e a Independência do Brasil



Handwritten text in German, likely a letter or document, featuring cursive script.





UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan

Vice-Reitor Antonio Carlos Hernandez



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-Reitora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-Reitora Adjunta Margarida Maria Krohling Kunsch



Biblioteca Brasileira *Guita e José* **Mindlin**

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

Diretor Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron

Vice-Diretor Alexandre Luis Moreli Rocha



COORDENADORES

Alexandre Macchione Saes

Antonia Terra de Calazans Fernandes

EQUIPE 3 VEZES 22

Bruna Martins, Franklin Pontes,

Giovane Direnzi, Guilherme Dvulactha,

Leticia Scupinari, Norberto de Assis e

Stephany Barbosa

EQUIPE LEMAD-USP

Isabella Oliveira Cafer, Mariana Meneses Fernandes e Victor Pastore

CAPA

Norberto de Assis

ARTE E ILUSTRAÇÃO

Isabella Oliveira Cafer, Mariana

Meneses Fernandes, Norberto de

Assis e Victor Pastore

DIAGRAMAÇÃO

Norberto de Assis

REVISÃO

Isabella Oliveira Cafer, Mariana

Meneses Fernandes, Norberto de

Assis e Victor Pastore

DIREÇÃO DE ARTE

Norberto de Assis

CURADORIA

Isabella Oliveira Cafer, Mariana Meneses

Fernandes e Victor Pastore

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Rua da Biblioteca, 21, Cidade Universitária, São Paulo, SP CEP 05508-065

bbm.usp.br/publicacoes EMAIL bbm@usp.br TEL: 11 2648-0310 / 11 3091 - 1154

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Endereço: Avenida Professor Lineu Prestes, 338 - São Paulo/SP - CEP: 05508-000

Secretaria: (11) 3091 0308 / (11) 3091 0298 - Funcionamento: 09h às 21h (flh@usp.br)



Apresentação



O que são as datas?...

Datas são pontas de icebergs...

Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e números.
(...)

BOSI. O tempo dos tempos. NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19.

1822, 1922, 2022...

3 vezes 22... são datas que interligam tempos e acontecimentos demarcados por relevâncias históricas. Alcançar os 200 anos de formação de um Estado nacional é certamente um relevante marco para produzir necessárias reflexões sobre sua trajetória constitutiva e sobre o que se almeja como futuro. No dia 7 de setembro de 1822 o Brasil declarou sua Independência de Portugal, iniciando o projeto de construção de uma sociedade autônoma politicamente, mas sem conseguir romper com todas as profundas raízes de seu passado colonial.

Por sinalizarem pontos no tempo, as datas podem ser preenchidas com as mais diferentes vivências e recordações, revistas em seus significados, questionadas em suas atribuições. É nesse sentido que o projeto 3 vezes 22, constituído na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM, da Universidade de São Paulo, parte das datas dos eventos com o objetivo de produzir conteúdo e iniciativas para estimular análise crítica em torno dos contextos das celebrações do bicentenário da Independência do Brasil, do centenário da Semana de Arte Moderna e da projeção de futuro delineada para 2022.

Os Kits 3 vezes 22 foram produzidos em conjunto com o Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD, do Departamento de História da USP. O material incorpora documentos históricos de diversificada tipologia (cartas, pinturas, jornais, imagens, mapas, entre outros), um texto de orientação e contextualização direcionado ao professor e sugestões de questões para serem trabalhadas com os/as estudantes. Os kits oferecem, nesse sentido, material didático para docentes e estudantes com propostas para interpretar e intervir no debate envolvendo as celebrações de 2022.

Por meio da documentação primária, selecionada a partir de indagações históricas contemporâneas, os alunos poderão entrecruzar as temporalidades de 1822-1922-2022, confrontando as continuidades e rupturas de diferentes vivências na sociedade brasileira; terão oportunidade de confrontar versões canônicas da história do Brasil com eventos negligenciados por nossa memória coletiva; e, enfim, serão convidadas a fazer aproximações com experiências de vida de personagens e de suas produções, que são pouco conhecidas, mas que contam histórias valiosas, de como suas ações no passado projetavam alternativas para o futuro.

Em suma, os Kits 3 vezes 22 se inserem na preocupação de nossa historiografia de reescrever a história do Brasil, incorporando personagens, eventos e, acima de tudo, projetos de país suprimidos nos últimos duzentos anos. Ao problematizar a narrativa da história do Brasil e ao expandir e complexificar os olhares sobre nosso passado, acreditamos que abrimos um campo para a protagonismo dos/das estudantes que podem se apropriar do processo de construção do conhecimento, como de intervenção do nosso processo histórico.



Leitura dos documentos

No Brasil, em 1822, a parcela feminina da população era privada da vida pública e devia se concentrar nas tarefas de âmbito doméstico, sendo que sua educação e sociabilidade giravam ao redor das tarefas de dona de casa, mãe e esposa. Esse afastamento das mulheres dos processos de transformações políticas e sociais decorria da visão hegemônica do período, sustentada na ideia de que a participação na vida política afetaria as funções femininas no interior da família.¹

Todavia, nem todas as mulheres do período seguiam à risca os papéis socialmente determinados e muitas vezes atuavam, direta ou indiretamente, nos acontecimentos políticos. Vale lembrar que tal atuação era restrita a uma pequena parcela de mulheres da época e determinada na maioria das vezes pela classe social e o consequente nível de instrução dessas personalidades femininas. Dentre as mulheres trabalhadas neste kit, algumas alcançaram destaque pelo envolvimento ativo no processo da Independência, enquanto outras, mesmo que de maneira indireta, foram grandes observadoras do

contexto e registraram os principais acontecimentos a partir de suas próprias percepções.

A intenção deste Kit Didático é evidenciar e problematizar a participação política de diferentes mulheres na conjuntura da Independência do Brasil, evidenciando seu papel ativo na tomada de decisões e na compreensão do contexto histórico no qual estavam inseridas.

Os documentos apresentados, quando não são produções femininas, apresentam percepções, descrições, vivências e ambições de algumas mulheres diante dos acontecimentos da época. Além disso, oferecem meios para problematizar e refletir acerca das diferenças de classes sociais existentes e o restrito acesso à educação por parte das mulheres do período, uma vez que a alfabetização e a educação naqueles tempos eram restritas à elite. Um exemplo dessa situação é que na primeira metade do século XIX, tínhamos dezessete escolas primárias masculinas e apenas nove destinadas às meninas na capital do Império, demonstrando que a educação feminina era privilégio para poucas.²

Este Kit procura, então, suscitar os seguintes questionamentos: quem eram essas mulheres? O que elas propunham para o Brasil na conjuntura da Independência? Quais suas ações? Qual a classe social a que pertenciam?

Como **primeiro documento**, iniciamos o Kit com um manifesto destinado ao Reino, assinado por D. Pedro I. Nele, vemos explicitada a pressão portuguesa pela volta do príncipe regente a Portugal e as divergências existentes em relação a esse regresso. O posicionamento de D. Pedro I, nesse documento, já indicava a opção por permanecer no Brasil, o que mais tarde ficou conhecido como o “dia do fico” e acarretou, tempos depois, na Declaração da Independência.

No documento, o príncipe coloca-se como representante dos habitantes do reino e principal responsável por arquitetar esse processo e proclamar a Independência, perspectiva que, posteriormente, foi cristalizada na memória dominante, perdurando no senso comum e no ensino de História.

O **documento dois** é um excerto do Diário de Viagem de Maria Graham, uma inglesa em passagem pelo Brasil. Ela era uma mulher de classe social alta, condição que a permitiu ler e escrever, viajar e registrar em seu diário o cenário político brasileiro. Em seu relato expõe a situação do país no período pré-Independência, a pressão portuguesa pela volta de

D. Pedro I e sua indecisão diante de qual posicionamento tomar: ficar no Brasil ou voltar a Portugal.

Nos **documentos três e quatro**, apresentamos duas cartas de D. Maria Leopoldina, princesa do Brasil. Na primeira mensagem, destinada ao seu secretário, ela relata a indecisão do marido sobre retornar para Lisboa, e defende que tal retorno deveria ser abortado. Portanto, a princesa posicionava-se a favor da permanência no Brasil, antes mesmo de D. Pedro I. Na segunda carta, desta vez destinada ao seu pai, novamente Leopoldina expressou suas preocupações em relação aos rumos políticos do Brasil nos momentos que antecederam a Independência. Ambos os documentos demonstram a influência política de D. Leopoldina nos assuntos do reino e servem como contraponto à ideia de que a decisão de permanência no Brasil fosse unicamente do Príncipe Regente.

O **documento cinco** consiste em outra carta, desta vez assinada por 186 damas da elite baiana, em 13 de maio de 1822, endereçada à princesa Leopoldina. A mensagem constitui um agradecimento à Leopoldina no que tange às resoluções políticas que vinham sendo tomadas em relação ao Brasil, reconhecendo-a como digna do trono. Além disso, as baianas oferecem seus corações, que, segundo a carta, eram as únicas coisas que as mulheres poderiam oferecer. Mais uma vez, as mulheres que escreveram ou apenas assinaram os documentos são de classes abastadas.

Apresentamos como **sexto documento** o trecho de um artigo escrito por Isabel Barion acerca da educação das mulheres no século XIX. O texto confirma a ideia de que a alfabetização no período estava diretamente relacionada com a classe social do indivíduo. No caso das mulheres, o acesso à educação era muito mais restrito do que aos homens e mesmo aquelas com melhores condições recebiam, na maioria das vezes, uma educação doméstica.

Como **sétimo documento** retomamos o diário de viagem de Maria Graham. Segundo Graham, Maria Quitéria era uma mulher iletrada, diferentemente das outras personagens apresentadas nos documentos

anteriores. Ela se disfarçou de homem para poder integrar o exército brasileiro nas batalhas contra os portugueses no processo de consolidação da Independência. Como complemento, temos um retrato de Maria Quitéria produzido pelo artista Domenico Failutti.

Os espaços sociais das mulheres no século XIX eram extremamente limitados, mas Maria Quitéria, assim como Leopoldina, ultrapassaram tais limites, atuando de diferentes maneiras, uma no exército e a outra na política. Assim, vale questionar os motivos de tais mulheres não serem lembradas e estudadas no nosso cotidiano escolar.

Notas

1.SAFFIOTI, Heleieth. *Posição da mulher na ordem escravocrata-senhorial e suas sobrevivências na sociedade atual*. In: SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na sociedade de Classes: Mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 230 - 266

2.TELES, Maria Amélia de Almeida. Brasil Império (1822-1889). In: TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999. p. 26 - 36.



Proposta didática

Documento 1

- 1) Quem assina o documento?
- 2) Qual a data do documento?
- 3) O que você sabe sobre os acontecimentos da história do Brasil desse período?
- 4) O texto do documento 1 é um manifesto. Você sabe dizer o que é um manifesto?
- 5) No texto, identifique como o reino e os súditos caracterizam a figura de D. Pedro I.
- 6) Quais são os votos dos súditos citados no texto? Esses votos são atendidos pelo príncipe?
- 7) Observando a data do manifesto, com qual marco da História do Brasil ele se relaciona?

Documento 2

- 8) Qual o gênero do documento? (por exemplo, é uma lei, uma notícia de jornal, uma carta, um relato, uma declaração..)
- 9) Quem escreveu?
- 10) De acordo com o gênero do texto, você acha que a autora é brasileira ou estrangeira?
- 11) Pesquise mais informações a respeito da autora do texto.
- 12) O texto relata uma mensagem das Cortes de Lisboa ao Príncipe do Brasil.
 - a) O que dizia a mensagem?
 - b) Como o príncipe e os brasileiros receberam essa mensagem?
 - c) Segundo o texto, qual o posicionamento de D. Pedro I em relação a ela?
- 13) Esse documento também se refere a um marco de nossa história. Qual é esse marco?

Documento 3

- 14) Qual o gênero do texto?
- 15) Pesquise sobre a autora e responda:

- a) O que a autora tem em comum com a autora do documento 2?
- b) Qual a sua relação com o Brasil?
- c) Qual você imagina que seja a classe social da autora?

Documento 4

- 16) Como Dom Pedro I é descrito no documento?
- 17) Estabeleça uma relação entre as descrições dos documentos 1, 2 e 3, apontando suas semelhanças e diferenças.
- 18) De acordo com o texto, o que Maria Leopoldina queria impedir?
- 19) Qual a opinião da autora em relação à situação do Brasil?
- 20) Analisando os documentos 3 e 4, pode-se dizer que Maria Leopoldina tinha posicionamentos e exercia um papel ativo em relação à política do Brasil? Se sim, separe um trecho de cada uma das cartas que possa demonstrar isso.

Documento 5

- 21) Que tipo de documento é esse?
- 22) Qual a data?
- 23) Para quem é escrito?
- 24) Quem assina esse documento?
- 25) Qual a classe social dos assinantes?
- 26) D. Pedro I e a princesa Leopoldina são citados no texto. Como os dois são descritos?
- 27) Ao fim do texto, o que as mulheres oferecem à princesa?

Documento 6

- 28) De acordo com o documento 6:
 - a) Qual a função que as mulheres deveriam exercer na sociedade?
 - b) A maioria das mulheres do Brasil no início do XIX sabiam ler e escrever?
- 29) Quem era responsável pelo ensino das mulheres que recebiam educação na época?
- 30) Retomando os documentos 2, 3, 4 e 5. Qual a relação entre a classe social das autoras e o acesso à educação de mulheres retratado no documento 6?
- 31) Os documentos 2, 3, 4 e 5 mostram que as mulheres participavam de alguma forma da política. Essa participação era adequada aos papéis que as mulheres deveriam desempenhar na sociedade?

Documento 7

31) Nesta passagem do diário de Maria Graham, há a descrição da jovem Maria Quitéria.

- a) Como Maria Quitéria é descrita?
- b) Quais motivos impedem a participação da irmã de Maria Quitéria na Guerra do Recôncavo?
- c) Qual a saída encontrada por Maria Quitéria para participar da guerra?
- d) Qual era o nível de alfabetização de Maria Quitéria? Pode-se imaginar qual era sua classe social?

32) O retrato de Maria Quitéria feito por Augustus Earle é semelhante às descrições presentes no texto?

33) Retorne ao documento 6 e responda: Maria Quitéria encaixava-se nos padrões estabelecidos para as mulheres no século XIX?

34) Compare as formas de participação política de Maria Quitéria com as mulheres presentes nos documentos 2, 3, 4 e 5. Quais são as diferenças?

35) Retome o documento 1, considerado um texto oficial produzido pelo Estado. Em textos como esses e nos livros que falam sobre a independência, qual é o personagem mais mencionado e categorizado como responsável por tornar o Brasil independente?

- a) Mesmo tendo participações ativas nesse contexto, por que Maria Leopoldina e Maria Quitéria não são lembradas como personagens importantes na conquista da Independência do Brasil?
- b) Procure escrever um pequeno texto para incluir em um livro didático sobre como as mulheres participaram da história do Brasil no evento político da Independência do país em relação à Portugal.

Documento 1

Manifesto de Sua Alteza Real O Príncipe Regente Constitucional e Defensor Perpétuo do Reino do Brasil Aos Povos deste Reino:

(...) Julguei então indigno de mim, e do grande Rei, de quem sou filho, e delegado, desprezar os votos dos súditos tão fiéis; que, superando, talvez desejos, e propensões republicanas, desprezaram exemplos fascinantes de alguns povos vizinhos, e depositaram em mim todas as suas esperanças (...)

(...) Acedi a seus generosos, e sinceros votos, conservei-me no Brasil, dando parte desta minha firme resolução ao nosso bom Rei.

(...) Sem o estrépito das armas, sem os vozerios da anarquia, requereram-me elas, como ao Garante da sua preciosa liberdade, e honra nacional, a pronta instalação de uma Assembleia Geral Constituinte e Legislativa no Brasil. Desejara eu poder alongar este momento para ver se o devaneio das Cortes de Lisboa cedia às vozes da razão e da justiça e a seus próprios interesses; mas a ordem por elas sugerida, e transmitida aos cônsules portugueses de proibir os despachos de apetrechos e munições para o Brasil, era um sinal de guerra, e um começo real de hostilidades. (...) Exigia pois este Reino, que já me tinha declarado seu Defensor Perpétuo, que eu provesse do modo mais enérgico, e pronto à sua segurança, honra e prosperidade.

(...) Acordemos pois, generosos habitantes deste vasto e poderoso império, está dado o grande passo da vossa independência e felicidade a tanto tempo preconizadas pelos grandes políticos da Europa. Já sois um povo soberano; já entrastes na grande sociedade das nações independentes, a que tínheis todo o direito (...)

(...) Brasileiros em geral! Amigos, reunamo-nos; sou vosso compatriota, sou vosso Defensor; encaremos, como único prêmio de nossos suores, a honra, a glória, a prosperidade do Brasil. Marchando por esta estrada ver-me-eis sempre à vossa frente, e no lugar do maior perigo. A minha felicidade (convençei-vos) existe na vossa felicidade: é minha glória reger um povo brioso e livre. Dai-me o exemplo das vossas virtudes e da vossa união. Serei digno de vós. Palácio do Rio de Janeiro em primeiro de agosto de 1822.

Manifesto de Sua Alteza Real O príncipe regente constitucional e defensor perpétuo do reino do Brasil aos povos deste reino, 01 de janeiro de 1822. Disponível em: <<https://www.filosofiaesoterica.com/o-manifesto-da-independencia-do-brasi>> Acesso em: 18 de nov.2020.

Quarta-feira, 9 de janeiro. - O dia de hoje, espera-se que seja decisivo no destino do Brasil. É preciso, porém, começar pela chegada de uma mensagem das Côrtes de Lisboa ao Príncipe, intimando-o de que aprouve as ditas Côrtes que ele partisse imediatamente para Europa a fim de iniciar sua educação e empreender uma viagem incógnito pela Espanha, França e Inglaterra. Esta mensagem despertou a mais viva indignação, não somente no ânimo de Sua Alteza Real, mas no dos brasileiros de ponta a ponta do reino. O Príncipe está desejoso de obedecer às ordens do pai e das Côrtes, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de sofrer, como homem, a inconveniência da mensagem, vendo-se, dessa maneira, compelido a voltar a casa, especialmente sendo-lhe proibido levar consigo quaisquer guardas, ao que parecem por temerem que eles tenham contraído demasiada dedicação à sua pessoa. Os brasileiros consideram êste passo como uma preliminar para extinguir neste país os tribunais de justiça que, durante quatorze anos, se mantiveram aqui, transferindo-se assim as causas para Lisboa, por cujo meio o Brasil será de novo reduzido à condição de uma colônia dependente, em vez de gozar de direitos e privilégios iguais aos da mãe-pátria, o que é uma degradação a que êles não estão dispostos, de maneira alguma, a se submeter.

Documento 2

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil: e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p. 212.

Maria Graham



Documento 3

Fiquei admiradíssima quando vi, de repente, aparecer meu esposo, ontem à noite. Ele estava mais bem disposto para os brasileiros do que eu esperava – mas é necessário que algumas pessoas o influam mais, pois não está tão positivamente decidido quanto eu desejaria. Dizem aqui que tropas portuguesas o obrigarão a partir. – Tudo então estaria perdido e torna-se absolutamente necessário impedi-lo (...)

Carta Ao seu secretário Schäffer, d. Leopoldina entre final de 1821 e o início de 1822. In: Rezzutti, Paulo. **D. Leopoldina: a história não contada : a mulher que arquitetou a Independência do Brasil / Paulo Rezzutti ; A primeira imperatriz do Novo Mundo por Viviane Tessitore ; Frühbeck e a redescoberta do Brasil por Claudia Witte.** – Rio de Janeiro : LeYa, 2017, pg. 207 Disponível em:<<https://cdn.awsli.com.br/805/805728/arquivos/e-book-D.%20Leopoldina.pdf>>

D. Leopoldina



Aqui há uma verdadeira confusão, por toda parte reinam modernos princípios populares de tão exaltada liberdade e independência, agora se trabalha numa assembleia popular, imagina de forma democrática, como no país livre da América do Norte. Meu esposo, que lamentavelmente ama todas as novidades, está deslumbrado e infelizmente, parece-me, no final, pagará por todos, com relação a mim estão desconfiados, o que me deixa muito feliz, pois assim não sou obrigada, graças a Deus, a expressar minha opinião e pelo menos estou livre de briga, esteja convicto, querido pai, aconteça o que acontecer, de que nunca esquecerei o que devo à religião, aos meus caros princípios pátrios [...]. No pior dos casos se as coisas tomarem o rumo da Revolução Francesa, como receio, verei minha querida pátria com minhas filhas, pois infelizmente tenho certeza de que a venda do deslumbramento não cairá dos olhos do meu esposo (...).

Documento 4

Carta de D.Leopoldina ao Pai. In: Rezzutti, Paulo. **D. Leopoldina: a história não contada : a mulher que arquitetou a Independência do Brasil / Paulo Rezzutti ; A primeira imperatriz do Novo Mundo por Viviane Tessitore ; Frühbeck e a redescoberta do Brasil por Claudia Witte.** – Rio de Janeiro : LeYa, 2017, pg. 223 Disponível em: <<https://cdn.awsli.com.br/805/805728/arquivos/e-book-D.%20Leopoldina.pdf>>

Documento 5

As baianas abaixo assinadas, sensíveis ao muito que tem S.A.R. o senhor d. Pedro Príncipe Regente contribuído para a política e prosperidade de todo o Brasil sob os auspícios das bases constitucionais por todo ele juradas; esforçando-se inteiramente por que se acabe o anárquico sistema de desunião que ia retalhar este reino em outros tantos Estados independentes, quantas as suas províncias, caso se desse execução ao decreto do primeiro de outubro passado [...]: E ponderando nós que nesta heroica resolução teve V.A.R., anuindo ao que deliberava seu augusto e adorado esposo [...] mostrando assim quanto é digna do trono para onde a vontade do Onipotente arbítrio dos impérios a tem chamado; possuídas do maior respeito, depois de congratularmos aos nossos conterrâneos por termos entre nós tão preciosas e augustíssimas pessoas, vimos oferecer os nossos corações, únicas oblações que pôs a natureza ao alcance do nosso sexo, para que faça a posteridade o devido conceito das brasileiras e, em particular das baianas.

Rezzutti, Paulo. **D. Leopoldina: a história não contada : a mulher que arquitetou a Independência do Brasil / Paulo Rezzutti ; A primeira imperatriz do Novo Mundo por Viviane Tessitore ; Frühbeck e a redescoberta do Brasil por Claudia Witte.** – Rio de Janeiro: LeYa, 2017. Disponível em: <<https://cdn.awsli.com.br/805/805728/arquivos/e-book-D.%20Leopoldina.pdf>>

Documento 6

No século XIX, a legislação previa escolas para meninas, entretanto, a população feminina era marginalizada no precário sistema escolar do Império, situação que se arrastava desde o período colonial. “[...] Nas camadas populares, obviamente nem se cogitava da sua instrução, ao passo que, nas camadas superior e média, elas recebiam em graus variados uma educação doméstica”. (XAVIER, 1994, p. 75).

Nesse contexto histórico a maior parte da população feminina no Brasil era analfabeta, as poucas mulheres que aprendiam a ler e escrever, assim faziam em suas próprias casas com suas preceptoras, professoras contratadas da Europa que ensinavam também os ofícios domésticos, como bordar, ser mãe e uma boa dona de casa.

BARION, Isabel Francisco de Oliveira et al. **A educação das mulheres no século XIX: a contribuição de Nísia Floresta**, 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25780_13611.pdf> Acesso em: 12 nov. 2020

Documento 7

29 de agosto. - Recebi hoje uma visita de D. Maria de Jesus, jovem que se distinguiu ultimamente na Guerra do Recôncavo (*). Sua vestimenta é a de um soldado de um dos batalhões do Imperador, com a adição de um saiote escocês, que ela me disse ter adotado da pintura de um escocês, como um uniforme militar mais feminino.

(...)

D. Maria contou-me diversas particularidades relativas a suas próprias aventuras. Parece que, logo no começo da Guerra do Recôncavo, percorreram o país em tôdas as direções emissários do governo para inscrever voluntários; que um desses chegou um dia à casa de seu pai na hora do jantar: que seu pai o havia convidado a entrar e que depois da refeição ele começou a falar sobre o objetivo de sua visita. Começou ele a descrever a grandeza e a riqueza do Brasil e a felicidade que poderia alcançar com a Independência. Atacou a longa e opressiva tirania de Portugal e a humilhação em submeter-se a ser governado por um país tão pobre e degradado. Ele falou longa e eloquentemente dos serviços que Dom Pedro prestara ao Brasil, de suas virtudes e nas da Imperatriz, de modo que, afinal, disse a moça: “Senti o coração ardendo em meu peito.” Seu pai, contudo, não partilhava em nada de seu entusiasmo. Era velho, e disse que nem poderia juntar-se ao exército, nem tinha um filho para ali enviar; e quanto a dar um escravo para as tropas, que interesse tinha um escravo em bater-se pela independência do Brasil? Ele esperaria com paciência o resultado da guerra e seria um pacífico súdito do vencedor. Dona Maria escapuliu então de casa para a casa de sua irmã, que era casada e morava a pequena distância. Recapitulou o grosso do discurso do visitante e disse que desejaria ser homem para poder juntar-se aos patriotas. “Pelo contrário”, disse a irmã, “se não tivesse marido e filhos, por metade do que você diz, eu me juntaria às tropas do Imperador. Isto foi basicamente. Maria obteve algumas roupas pertencentes ao marido da irmã, e como seu pai estava para ir a Cachoeira a fim de negociar algum algodão, resolveu aproveitar a ocasião e partir atrás dele, bastante perto para ter proteção em caso de acidente na estrada, bastante longe para escapar de ser presa. Afinal, à vista de Cachoeira, parou; e saindo da estrada, vestiu-se à moda masculina e entrou na cidade. Isto foi sexta-feira. No domingo ela arranjou as coisas tão bem que já havia entrado no Regimento de Artilharia e montado guarda. ▼

Documento 7

(...)

Ela é iletrada, mas inteligente. Sua compreensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que, com educação, ela poderia ser uma pessoa notável. Não é particularmente masculina na aparência; seus modos são delicados e alegres. Não contraiu nada de rude ou vulgar na vida do campo e creio que nenhuma imputação se consubstanciou contra sua modéstia. Uma coisa é certa: seu sexo nunca foi sabido até que seu pai requereu a seu oficial comandante que a procurasse.

Não há nada de muito peculiar em suas maneiras à mesa, exceto que ela come farinha com ovos ao almoço e peixe ao jantar, em vez de pão, e fuma charuto após cada refeição, mas é muito sóbria.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil: e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p. 329-331.

Documento 7



DFAILUTTI, Domenico. **Retrato de Maria Quitéria**. 1920.São Paulo. Disponível em: <<http://acervo.mp.usp.br/IconografiaV2.aspx#>>